



Vida, saúde, práticas integrativas e cuidado em saúde: alguns pontos de definição para a ação do cuidado centrado na percepção de saúde

Madel T. Luz

Vida. Antes mesmo que a pandemia que varre o planeta há um ano ceifando milhões de vidas, já o estivesse percorrendo na direção oriente-ocidente, a situação da vida na Terra já poderia ser considerada crítica por diversas razões. Consideramos aqui algumas delas, pontos a discutir que nos chamam a atenção não tanto pelo ineditismo, mas sim pela gravidade¹.

Em primeiro lugar, mencionamos a fome que atinge populações em diversas regiões do mundo, salientando que esse fenômeno, a fome, não é doença: é uma situação de carência absoluta, embora não inédita. Milhões de seres vagam em busca de comida, migrando em função da destruição de seus habitats de origem, seja por guerras, seja por crises climáticas ou por invasões motivadas pela captura de seus recursos naturais, que representam riqueza para países ou povos mais fortes. Populações são forçadas a caminhar por regiões inóspitas, grupos humanos obrigados a se lançarem perigosamente ao mar em busca de sobrevivência, dependendo de acolhimento. Não se tratando de uma doença, não podemos falar aqui dessa fome como questão a ser resolvida por medidas específicas de cuidado médico ou nutricional. Estamos lidando com o grito de socorro de uma parte da espécie que é posta em perigo pela organização socioeconômica excludente do humano que está vigente. Lidamos, no momento atual da história da humanidade, com um descuido inédito com a vida na Terra.

¹ Este texto não utilizou normas acadêmicas usuais de publicação, como citações e referências a autores ou discussões das opiniões de especialistas sobre o tema que aborda, inclusive as da própria autora. Trata-se de um conjunto de reflexões sobre a urgência de ações teóricas e práticas concernindo a vida e a saúde humanas na Terra. Suas fontes são filmes documentários de cientistas, artigos de divulgação de intelectuais acadêmicos ou jornalistas, trabalhos de artistas, ou mesmo de cidadãos comuns que exprimem com clareza suas preocupações pela vida em perigo no planeta, seja em redes sociais, como YouTube e Google, ou em documentários como Netflix.

Mencionemos, em seguida, o abandono de setores populacionais nas regiões mais empobrecidas do planeta, cronicamente atingidas por fome, por endemias e epidemias que se repetem, ou mesmo por escassez de cuidados básicos (inclusive médicos) a eventos naturais da espécie humana: gravidez, nascimentos, cuidados a nascituros, etc. Apenas organizações de voluntários da área da saúde, sem recursos públicos assegurados assumem, como heróis, responsabilidade por essas vidas, por vezes em troca da sua.

O fenômeno de não solidariedade, dominante entre os humanos, fruto de sua economia individualista, é desconhecido nas demais espécies animais, salvo em presença de perigo que ameace a espécie como um todo, forçando a uma fuga coletiva desordenada. Um exemplo desse caso seria a proximidade de grupos humanos em esporte de caça, por diversão ou comércio.

Pode parecer excessiva a afirmação acima, mas sabemos que várias espécies animais foram, e continuam a ser extintas por este esporte “nobre²”. O cuidado com a vida, nossa ou do outro, não tem sido uma característica da espécie humana. Para prejuízo nosso, podemos constatar.

De modo que não podemos deixar de mencionar o ataque e a extinção de espécies animais e vegetais em curso há quatro séculos (se incluirmos parte do século XVII) pela estrutura de produção e desenvolvimento econômico do planeta, como fator estratégico de desestabilização do ambiente como um todo. Não se trata, nesse processo, apenas da devastação da vida humana, animal e/ou vegetal, mas do desequilíbrio dos próprios elementos naturais: mares, rios, fontes, fogos e ventos que, com alternância periódica, estabelecem a marcação rítmica que rege as fases do existir climático planetário, no conjunto que o homem moderno denominou natureza. Os elementos também são vida, pulsando ordenadamente, em ritmo regular, garantindo a continuidade harmônica do planeta Terra.

A alteração desse ritmo pela intervenção humana, como vem acontecendo por efeito das atividades técnico-econômicas mundializadas, sejam elas produtivas, agrárias ou industriais, ou de produção de tecnologias, sejam ainda ligadas aos meios de transportes ou de comunicação, continuam majoritariamente centradas em ações destrutivas do meio ambiente. Tendem a destruir as possibilidades de

² Não se pode esquecer que a caça, na história social, está ligada milenarmente à aristocracia, e sua demonstração de domínio sobre o animal, como um estilo elegante de exibir poder sobre o outro.

renovação das fontes vitais que a natureza nos fornece: o ar que respiramos, o solo que cultivamos, a água que bebemos, os alimentos de que nos nutrimos, ou ainda outros elementos igualmente importantes para sobrevivermos: micro seres circulando nos ares, por vezes invisíveis, ou insetos, como abelhas, ligados por funções de troca à continuidade da vida, ou ainda os ligados aos ventos, aos rios, aos mares ou ainda às geoformas milenares, como as geleiras, ou as grandes montanhas nevadas, com sua função de acumular estoques de gelo necessários ao equilíbrio climático do planeta.

Tudo isso pode vir a nos causar graves transtornos climáticos - que se anunciam catastróficos- com os quais a espécie humana não está, creio, preparada para lidar. Não dispomos ainda de conhecimento nem de tecnologias para lidar eficazmente com catástrofes globais. As que já acontecem em territórios locais ou regionais, em países por vezes cuidadosos com a questão climática, vêm produzindo grandes prejuízos materiais e mortes, destruindo tanto os ambientes físicos como a organização social.

Estaremos nos preparando para uma possível crise ambiental global, capaz de atingir a vida no planeta, como já se anuncia? Já dispomos de métodos de produção econômica alternativos ao vigente, usando de tecnologias “suaves” para lidar com a natureza, buscando empatia na abordagem, com expansão sadia continuada, suficiente face à desarmonia rítmica atual do planeta? Estaremos já, embora tardiamente, visando a restaurar uma vida sócio produtiva partilhada em larga escala, sem perigo para os humanos e o meio ambiente? Dispomos já de grupos econômicos prontos para essa transformação, considerada mais que simples prática compassiva de alguns grupos bilionários complacentes?

Podemos nos perguntar ainda: no plano da sociedade civil, será suficiente a atitude corajosa de alguns milhões de cidadãos ao longo da Terra que se dispuseram recentemente a mudar seu modo e estilo de vida, abandonando metrópoles, passando a viver em lugares retirados simples, solidários entre si e com a natureza, restaurando-a, dela cuidando e retirando seu sustento? É certamente um bom começo, mas talvez um começo tardio?

Encerrando este item gostaria de deixar aqui uma reflexão possível e urgente para nossa ação sobre o viver atual: é a vida simplesmente o contrário da morte?

Isto é, temos apenas dois estados opostos de ser, a vida e a morte? Ou é possível também que vivamos uma vida quase morte? Neste caso, como a caracterizariam? Na nossa sociedade há milênios temos esse modo intermediário de existência entre vida e morte. É o modo intermediário denominado doença. Vivemos por vezes décadas na doença.

No momento atual grande parcela da atividade econômica do planeta é investida na doença, processada através da atividade das indústrias químico-farmacêuticas, das drogas que produzem, e das de pesquisa tecnológica sobre artefatos de investigação aplicáveis à diagnose da doença que pesquisam numa disputa competitiva característica de toda essa produção³.

Social e institucionalmente, atualmente não existe sombra de dúvida que este é o modo considerado correto de conduzir a vida, face à doença. Técnicas de prevenção medicamentosa para doenças crônicas são também apreciadas, embasadas em consumo contínuo de medicamentos.

Mas será mesmo necessário permanecer nesse modo de viver? Da doença controlada? A saúde seria para a espécie apenas um mito paradisíaco? Acredito que chegamos a um momento em que é necessário apostar nossas fichas na saúde como o nosso estado natural de existir. E que podemos, como diziam nossos idosos bisavós, morrer em perfeita saúde!

VIDA, CUIDADO E SAÚDE

A vida que pulsa em ritmo harmônico no exercício de suas funções, é talvez uma das definições mais simples, curtas e antigas do estado saudável no pensamento médico, presente não apenas no Ocidente, já na escola médica grega hipocrática, mas anteriormente também, nas escolas orientais tradicionais, como na medicina chinesa, ou na japonesa e na ayurvédica, na Índia, onde existem desde há milênios. Não é necessariamente vitalista.

A saúde, em termos do modo de pensar vitalista, é a vida que, em um organismo ativo, desempenha equilibradamente a totalidade de suas funções de modo

³ É inegável que a luta pelo combate/controlar da Pandemia do Covid-19 tornou-se uma corrida competitiva entre laboratórios com tecnologia avançada dispostos a obter controle sobre a aplicação da vacina nos países com populações capazes de pagar pelas doses. A tendência pode mudar, mas no momento é o que verificamos. Em caso de novas pandemias, será essa a mesma política adotada?

ritmado⁴. É o ritmo, específico para as funções, que sinaliza que há normas vitais nesse funcionamento, e que, fora dessas normas, rompe-se o equilíbrio vital. Com o desequilíbrio da vitalidade inicia-se o processo de adoecimento. O adoecer nada mais é que uma reação dinâmica de uma totalidade viva a uma perturbação de origem interna ou externa, ainda que originada num setor específico do todo.

Um exemplo: a picada de um inseto pode perturbar a circulação da corrente sanguínea de um indivíduo, humano ou animal, pela presença do “veneno” inserido nessa corrente, e o organismo responderá como um todo com dor, agitação psíquica, mal-estar respiratório, edema, se for alérgico, etc. Essas respostas não são a “doença”, mas reações vitais que exibem o desequilíbrio provocado. O desequilíbrio, por outro lado, exige algum modo de intervenção favorável à recuperação do ritmo ativo daquele setor vital, conseqüentemente do ritmo da vida como todo.

Nesta fase entra o tratar que tradicionalmente, nas culturas ocidentais e orientais, se resolve com algum tipo de remédio. É verdade que o remédio nem sempre é, evidentemente, uma droga farmacêutica, mas existe em praticamente todas as culturas, tanto nas que conhecemos como nas que desconhecemos, nas presentes, nas passadas, ou mesmo nas extintas.

A questão, nesse caso, é o que cada sociedade define o que tratar e como tratar, e quando entra o remédio no tratar.

Podem existir, ainda hoje, ou terem existido culturas tradicionais, tribais ou não, certamente pré-modernas, em que não intervir com ingestão de remédios, ou inserção de objetos no local, é o melhor modo de tratar o desequilíbrio vital provocado em um membro da comunidade pela picada de um inseto, ou por uma mordida de cobra ou animal venenoso, para que o organismo atingido se familiarize com aquele veneno, e o indivíduo o assimile na sua ordem vital. É, dessa forma, curado, com a presença do veneno, que passa de algum modo a ser parte de sua dinâmica vital. O tratamento para restabelecer a ordem vital, nesses casos, é sempre responsabilidade de um agente social qualificado para exercer as atividades disponíveis de cura, seja um xamã ou mesmo, no caso da sociedade ocidental da idade média, alguém considerado sábio ou santo pela vida austera e de estudos que adotou, atuando com

4 O pensamento vitalista, seja na filosofia, seja na medicina moderna, foi superado a partir do século XIX pelo mecanicismo presente em todas as disciplinas ligadas à vida, sobretudo na medicina. Entretanto, podemos encontrar ainda no século XX vibrações do vitalismo em pensadores como Henri Bergson, com sua teoria da energia vital, e o mestre de Foucault, Georges Canguilhem, que teorizou sobre a auto regulação na normatividade do funcionar da vida, face ao adoecimento ou à perda de dinamismo vital.

atividades de cuidado e cura dos aldeões. Em todos os casos aqui mencionados, até certo ponto hipotéticos, dada sua imprecisão, mas certamente existentes, deve ser destacada a função do bem-estar visado, e o objetivo final a ser alcançado: a recuperação da saúde.

Podemos por isso afirmar que o objetivo essencial desse tipo de intervenção tradicional era a restauração do equilíbrio vital, a volta da saúde, e que tal forma de intervenção pode ser designada, neste sentido, como cuidado.

A questão que se coloca, neste momento de crise da vida no planeta, é que mesmo nos períodos indicados de demanda por cura e saúde pela população ao sistema institucional mundialmente estruturado, a questão de cuidado e busca de recuperação da saúde não é considerada prioritária, face ao modelo atual de atenção, que prioriza a investigação diagnóstica e a intervenção farmacológica em patologias específicas. Daí a pergunta para as PICS e cuidado no cuidado em saúde diante deste contexto é: qual é o papel que as PICS irão assumir? Estarão focadas nos tratamentos de doenças ou no cuidado com a vida e a saúde? O cuidado tem foco no indivíduo ou mantém o equilíbrio com a cosmologia de parte das racionalidades que representa?